

 Atentemo-nos às Palavras de Jesus

**Décimo sexto domingo do Tempo Comum**

**21.7.2019**

Amados irmãos e irmãs, paz para todas e todos vocês!

No décimo sexto domingo do Tempo Comum deste ano, continuando com o Evangelho de Lucas, Jesus nos ensina, logo após nos mostrar quem é o nosso próximo e a relação amorosa e compassiva que devemos ter com ele, além da importância da hospitalidade e do acolhimento fraternos, a importância do verdadeiro encontro com Deus por meio dos irmãos, a partir da escuta de sua Palavra. Assim, é-nos possível encontrar o verdadeiro sentido de nossa missão e, por conseguinte, de nossas ações.

Assim, convidamos todas e todos vocês a lermos juntos a passagem bíblica que se segue e refletirmos a respeito, contextualizando-a em nosso cotidiano.

38Estando Jesus em viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. 39Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar. 40Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude”. 41Respondeu-lhe o Senhor: “Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; 42no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada. (Lc 10,38-42)

Continuamos com Jesus em sua caminhada rumo a Jerusalém, narrada por Lucas, evidenciando-se ser muito mais uma caminhada espiritual, orientando seus discípulos presentes à época e todos nós que optamos por seguir seus passos em direção à plena vida, com nossa evolução espiritual.

Cada vez mais fica claro que não vale apenas intitularmo-nos de cristãos, tampouco limitarmos nossa prática religiosa aos rituais e celebrações, mesmo que regularmente frequentadas. Nessa caminhada espiritual, Jesus nos ensina a viver seus ensinamentos e mostra que ser seus discípulos não significa somente a sua aceitação formal, o dizer-se cristão. Faz-se necessário que nos apropriemos de suas Verdades e as coloquemos em prática, que as transformemos em ações e testemunho, que sigamos seus passos na relação amorosa com o outro, independente de quem seja esse outro.

Sabemos que Deus se revela de diversas formas, fazendo-se presente em toda a sua criação, por meio de vários caminhos, evidenciando-se, graciosamente, por intermédio de palavras e ações de nossos irmãos, e podendo ser sentido dentro de cada um de nós, de todos nós. Não existe nada que o limite, a não ser a nossa capacidade cerceadora de conceber sua presença. Temos a ousadia de imaginar que nós, finitos e limitados, temos a capacidade de estabelecer regras e fronteiras para sua presença, para suas ações, para seus ensinamentos. Eis a razão para tantos conflitos religiosos na defesa da mais correta forma de revelar o Criador à humanidade. Tentamos aprisionar o infinito, o ilimitado. Encaixotamos, em nossa mente e nas nossas relações, Aquele que nos criou e buscamos a egoística e ilusória apropriação do todo onde estamos contidos. A parte, ilusoriamente, tenta limitar o todo. Quanta ignorância, quanta prepotência!

Atentemo-nos às orientações de Jesus no que tange ao ouvir seus ensinamentos, ao invés de estabelecer nossas ações de acordo com as nossas próprias prioridades. Ouvi-Lo significa manter viva sua presença; segui-Lo representa manter seu ensinamento como guia na caminhada diária em busca de nossa evolução espiritual. Não nos enganemos, suas Palavras são eternas e perenes, podendo ser ouvidas em qualquer tempo ou lugar que estejamos e podem ser proferidas por qualquer pessoa inspirada por Deus, desde que seja sustentada pelo amor e pela paz. Lembremo-nos das palavras de Desmond Tuto, arcebispo anglicano e prêmio Nobel da paz: “*Deus não é cristão!*”

Com sua doçura, mas objetividade, Jesus explica para Marta que as ações, por si só, nem sempre são o melhor caminho, pois precisamos nos atentar às premissas de tais ações. O fazer por fazer, por mais construtivo que possa parecer, pode ser infrutífero, caso não seja embasado por princípios de amor, de compaixão e relacionamento fraterno.

Porém, tal afirmativa não nos impele ao imobilismo, não nos convida à paralisação para o simples fato de ouvir. Ouvir a Verdade é uma intimação para a ação, mas para uma ação transformadora, para a efetiva evolução, alicerçada em sólidas e inquebrantáveis bases que jamais ruirão, tendo em vista serem constituídas pelos próprios princípios divinos. É inquestionável que o intenso desejo de transcendência sustenta-se na escuta da palavra de Deus, a qual dá sentido e razão ao trabalho.

Em nosso texto de hoje, merece o destaque, entretanto, os afazeres de Marta, sua tarefa de alimentar e acolher pessoas, atividades nobres e necessárias, inclusive dentro da lógica fraterna. Ocorre que tais destacadas ações não podem ser obstáculos para o “ouvir” a Palavra, pois devem estar sustentadas no princípio da compaixão com o outro e não, apenas, em um trabalho a mais, mecanicamente desenvolvido, por mais nobre que possa ser visto. Precisamos dar sentido à vida e a nossas ações, o que não quer dizer intencionalidade aos nossos atos. Devemos agir por amor, pela visão de um Deus sempre presente, em tudo e em todos, e não de forma automática pela obrigatoriedade da tarefa, tampouco para nos vangloriarmos ou por expiação de erros cometidos. Façamos o bem pelo fato de ser uma expressão do divino que em nós habita, desprovidos de qualquer tipo de interesse, presente ou futuro.

Percebam que Marta, apesar de todos os méritos de seu trabalho junto aos que acolhe, não pede ajuda, não solicita apoio a Maria ou a quem quer que seja, ela apenas reclama a Jesus de sua sorte, de seu fardo, julgando Maria, com olhos de menor valia à sua postura de “mero ouvinte” da Palavra. Lembremo-nos das palavras do próprio Jesus: “*Não julgueis!*” (Mt 7,1). Jesus, por sua vez, não expressa qualquer tipo de crítica ou de correção em relação a ambas as envolvidas, apenas destaca a importância de ouvir suas Palavras, palavras de amor, de fraternidade, de compaixão e de paz e que elas devem ser a sustentação de qualquer tarefa a ser executada, de qualquer missão a ser cumprida.

Destacamos, mais uma vez, que não se trata de supervalorizar a mera escuta, a contemplação em detrimento da ação, não deve haver comparação entre elas, até porque a espiritualidade sem ação torna-se vazia e infrutífera. Na passagem em tela, Lucas não destaca a vida contemplativa de forma a ser superior à vida ativa. Ocorre que toda ação deve brotar da escuta atenta das premissas divinas, e não do mero desejo humano de um ativismo desenfreado, premissas tais já presentes em cada um de nós, necessitando apenas serem percebidas, acolhidas e transformadas em atitudes concretas do dia-a-dia. O Evangelho de hoje nos diz que a escuta da Palavra de Deus é o mais importante para a vida humana, pois é o ponto de partida da caminhada da fé, o que não significa que o “fazer coisas”, principalmente o “servir os irmãos” não seja importante; mas que tudo deve partir da escuta da Palavra, pois é ela que nos projeta para os outros e o que de nós é esperado como criatura de Deus.

Por fim, devemos nos atentar também a que tipo de acolhida fica evidente como missão humana alimentada pela Palavra de Deus. São Pedro já destacava a importância de receber e acolher o próximo e de como fazer: “*Exercei a hospitalidade uns para com os outros, sem murmuração.*” (1Pd 4,9). Porém, tal acolhida, necessariamente, deve envolver o ouvir o outro, além de alimentá-lo e possibilitar sua dormida. Não há acolhida fraterna sem que haja a atenta e humilde escuta que, consequentemente, gera a comunhão entre as pessoas.

Vivemos, atualmente, em uma velocidade estonteante, na busca do sustento e, até mesmo, do acúmulo de ilusórios ganhos e bens. Chegamos a dizer que “tempo é dinheiro” e que qualquer tempo perdido nos deixa para trás em nossa caminhada humana. Exaurimo-nos no trabalho, limitamos nosso precioso tempo com os familiares e amigos, quanto mais com os desconhecidos, estressamo-nos, cada vez ouvimos menos, cada vez atentamo-nos menos ao que é, de fato, importante na vida. Sem dúvida alguma, estas são exigências da vida moderna; mas, como podemos, neste ritmo alucinante, guardar tempo para as coisas essenciais? Como encontramos espaço em nosso cotidiano para nos sentarmos “aos pés de Jesus” para escutá-Lo?

Mesmo nas comunidades religiosas, boa parte das pessoas fazem muitas coisas, estão completamente atarefadas a serviço dos irmãos. É inquestionável a importância da capacidade de doação, de entrega, de serviço; mas esse ativismo desenfreado não pode ser obstáculo à nossa atenta escuta à Palavra de Deus. Faz-se necessário que encontremos tempo para escutar e acolher a Palavra de Jesus, para “ruminá-la”. Precisamos nos deslocar ao encontro com Deus, para que, calma e atentamente, apropriemo-nos dos desafios que Ele nos apresenta. Caso contrário, possivelmente, perderemos o sentido das coisas, das nossas ações, da nossa verdadeira missão neste mundo, pois passaremos a agir por conta própria, deixando de seguir os caminhos que, de fato, levarão ao nosso crescimento espiritual, razão precípua de nossa existência humana.

Um fraterno abraço e fiquem com o amor de Deus,

Rev. Frei João Milton.